

O PASSADO NA OBRA DE CECÍLIA MEIRELES

Helen Ferreira Nunes¹

Resumo: A poesia de Cecília Meireles tem por excelência um olhar voltado para o passado. O presente artigo pretende contribuir com um aprofundamento sobre a temática do tempo, especificamente o passado, principalmente no que se refere à relação eu/tu demarcada nos poemas cecilianos. De acordo com João Adolfo Hansen, sua poética retoma este passado cuja tensão entre a memória e a imaginação circunda a enunciação, pois o passado não é propriamente portador de lembranças, mas sim de imaginações. Assim, segundo o autor, o passado na poesia de Cecília Meireles possui um caráter mais ficcional. Alguns comentários sobre poemas vinculados à teoria sobre o tempo de Paul Ricoeur e outros pensadores farão parte deste trabalho. O olhar sobre o perdido, sobre o que se teve ou imaginou com perfeição, sobre o passado que foi amado deixa marcas de ausência no presente.

Palavras-Chave: Ausência. Cecília Meireles. Memória. Poesia.

THE PAST IN CECÍLIA'S POETRY

Abstract: Cecília Meireles's poetry contemplates the past par excellence. The current article aims to contribute with deeper studies of the time as a theme, specifically the past, particularly regarding the relation of I/thou marked in her poems. João Adolfo Hansen states that her poetics retakes this past in which the tension between memory and imagination circumscribes the enunciation, because the past is not the carrier of memories, but of imaginations instead.

¹ Mestra em Letras: Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Endereço eletrônico: helenfn@hotmail.com.

This way, according to the author, the past in Cecília Meireles's poetry has a more fictional aspect. Some comments of her poems are linked to Paul Ricoeur's theory about time and other academics that are going to be part of this work. The contemplation of the lost, of what was possessed or was imagined with perfection, of a past which was loved, leaves in the present the marks of the absence.

Keywords: Absence. Cecília Meireles. Memory. Poetry.

Centralidade na ausência

Cecília Meireles é uma poeta que possui o olhar voltado para o passado, voltado para o ausente, e na presente abordagem observaremos através de alguns poemas como isso ocorre. São poemas que ilustram o olhar sobre o passado sob uma perspectiva peculiar, o olhar que pode estar voltado para certo acontecimento ou para um fruto imaginário de alguma aspiração interna. Traços como a brevidade da vida, a transitoriedade, a impossibilidade de reter o tempo são marcantes nos versos da autora e vários estudiosos se detiveram em suas particularidades. Dentre os autores que estudaram a vida e a obra de Cecília Meireles merecem destaque Darcy Damasceno, Alfredo Bosi, João Adolfo Hansen e Leila V.B. Gouvêa. A relação entre sua escrita e o tempo será analisada a partir da visão desses estudiosos. Como apoio técnico, os conceitos de tempo apresentados por Santo Agostinho e, mais tarde, por Paul Ricoeur nos permitirão compreender melhor a temporalidade nos poemas cecilianos.

Sua poesia revela-se sob o tema central da ausência e da perda, assim o tu é algo ou alguém que esteve presente e que marcou significativamente o sujeito poético, a ponto de se fazer presente em quase toda obra da autora. Eliane Zagury fala de um espírito criador voltado para solidão, para o silêncio e para contemplação presente na obra cecilianas. O esvaziamento ou distanciamento de si e a visão distante do

tu, muitas vezes inalcançável, inatingível é recorrente em seus poemas desde suas primeiras obras.

Paul Ricoeur, embasado na fórmula de Aristóteles de que “a memória é do passado”, nos diz que não precisamos evocar o futuro para dar sentido ao presente, pois este está implicado no paradoxo do ausente, à imaginação do irreal e à memória do anterior, e o futuro fica como posto entre parênteses na formulação deste passado. Para Ricoeur, “a temporalidade constitui a precondição existencial da referência da memória e da história do passado” (RICOEUR, 2007, p. 360). O Epigrama nº2, do livro *Viagem* (2001) retrata um pouco de como o tempo aparece em sua trajetória, e como a felicidade ensinou ao homem a marcar o tempo:

És precária e veloz, Felicidade.
Custas a vir, e, quando vens, não te demoras.
Foste tu que ensinaste aos homens que havia tempo,
e, para te medir, se inventaram as horas.

Felicidade, és coisa estranha e dolorosa.
Fizeste para sempre a vida ficar triste:
porque um dia se vê que as horas todas passam,
e um tempo, despovoado e profundo persiste (MEIRELES, 2001, p. 234).

Tal poema, dividido em dois quartetos, possui um ritmo acelerado demarcado pela presença da consoante “v” que demonstra nos versos que o tempo não se demora naquilo que traz a felicidade.

Podemos dizer que o tu ceciliano pode ser tido como todos ou qualquer um que estivesse presente em um passado, o tu que se repete em praticamente todos os poemas, ou ainda, como já dito, o tu imaginado ou idealizado, mas não menos amado por isso. Há uma busca pelo tempo que não volta, por aquilo que foi vivido e que no presente do poema é marcado pela nostalgia do que pode ter sido meramente fictício, mas que deixou marcas profundas. Seus poemas são como imagens em ruínas, que podem ser vistas, contempla-

das, mas não acertadamente ou simplesmente explicadas. São como feridas abertas que se repetem e, pela repetição, não se deixam curar, cicatrizar e por isso a dor parece não ter fim.

O olhar sobre o tempo em Santo Agostinho e Paul Ricoeur

Paul Ricoeur se detém nas *Confissões* de Santo Agostinho e na *Poética* de Aristóteles como pontos de partida para seu próprio estudo sobre o tempo.

Para Santo Agostinho o tempo é algo escorregadio: onde temos o presente logo teremos o passado, e o futuro é algo que não se abarca, pois ainda não existe. Para ele, “uma hora compõe-se de fugitivos instantes. Tudo o que dela já debandou é passado. Tudo o que ainda resta é futuro” (AGOSTINHO, 1999, p. 324). Os fatos passados são vistos com a alma, já que não são mais presentes e de alguma forma se escondem em algum lugar da memória daqueles que os veem. Para Agostinho, se esses fatos passados não existissem, eles não poderiam mais ser vistos. Agostinho indaga onde está o passado e o futuro, ele questiona se ambos possuem existência somente no presente, pois o passado só pode ser recordado no presente e o futuro só pode ser pensado também a partir do presente, pois fazemos planos para o futuro a partir de um presente. Assim que as ações premeditadas para acontecerem no futuro começam a acontecer, já é então em um tempo presente que acontecem.

Em sua terminologia Santo Agostinho nos diz que:

É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e espe-

rança presente das coisas futuras (AGOSTINHO, 1999, p. 328).

Para Santo Agostinho, a compreensão do tempo é um enigma complicado, por isso ele o analisa com acuidade, para que possa ao menos esclarecer o que ele enxerga como algo obscuro. É no espírito que ocorre a medição do tempo, como pela medição das sílabas breves e longas de um poema pode-se ter uma noção da duração do tempo. Medindo assim o tempo no espírito, tem-se a percepção de um sentido, e algo na medição da temporalidade do poema permanece gravado na memória. É no espírito que ficam registradas as memórias passadas, pois enquanto eram presentes foram medidas, foram registradas. Ele exemplifica com a recitação de um hino que aprendeu de cor. Os três tempos passam pela intenção de recitar o hino e essa ação pode ser dividida em memória, por causa do que já foi recitado e em expectativa, por causa do que irá recitar.

A memória das coisas ausentes estão escondidas no espaço da recordação, quando os objetos não estão presentes aos sentidos. Por exemplo, quando se diz pedra ou sol, tais objetos nos vêm à lembrança porque já os vimos antes, são imagens que estão impregnadas em nosso espírito pelo fato de as conhecermos. As imagens são gravadas em nossa memória e quando solicitadas vêm à tona em nossa mente; desta forma, se não reconhecemos os objetos é porque eles não foram registrados em nossa memória ou não nos recordamos.

Em *Viagem* (2001) temos o poema “Valsa”, que retrata este olhar para o passado, o olhar que conhecia o objeto e reconhece por um vento que passa o mesmo objeto hoje perdido:

Fez tanto luar que eu pensei nos teus olhos antigos
e nas tuas antigas palavras.
O vento trouxe de longe tantos lugares em que estivemos,
que tornei a viver contigo enquanto o vento passava.

O eu-lírico volta a viver com o tu as lembranças de um tempo que não existe mais e isso gera no eu uma saudade, uma boa lembrança. O poema é finalizado com a noção de que o tempo muda aquilo que fica:

Coitado de quem pôs sua esperança
nas praias fora do mundo...
— Os ares fogem, viram-se as águas,
mesmo as pedras, com o tempo, mudam
(MEIRELES, 2001, p. 262).

A pedra simboliza o que é duro, o que inicialmente parece imutável, mas o tempo, com sua característica de ser aquele que passa, aquele que leva tudo para o passado, possui a capacidade de mudar até o que parece imutável.

O esquecimento para Santo Agostinho é a privação da memória. Para se encontrar um objeto perdido, é preciso ter na memória sua imagem, é preciso saber o que se procura. Se não se sabe o que procurar, dificilmente o reconhecerá se o encontrar. Por isto a grande frase de Santo Agostinho se perpetua no tempo: “Tarde Vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei! Eis que habitáveis dentro de mim, e eu, lá fora, a procurar-Vos!”. Santo Agostinho levou um tempo para conhecer ou reconhecer esta sabedoria que estava dentro dele próprio, o Deus que ele buscava se escondia dentro dele mesmo. Ele reconheceu algo que estava dentro dele e era desconhecido para si próprio, então de alguma forma havia a lembrança deste “objeto” perdido. Talvez possamos dizer que, com o passar dos anos na vida de Santo Agostinho, a lembrança de Deus foi ficando perdida, quase que esquecida por ele, até o momento que sente sua alma revisitada por essa lembrança, fazendo com que reconheça o que já conhecia.

Da mesma forma, Cecília Meireles busca em seus poemas a memória daquilo que foi presente, que um dia foi concreto e por meio dos seus poemas traz à tona um tu que foi amado, que foi desejado. O tempo que separa o eu e o tu

em sua poética é reconstruído a partir de fragmentos de memórias e imagens, a partir de proposições de lembranças e reconstruções de espaços antes vazios. Ela procura uma recordação que foi deixada em seu espírito, o eu se dirige a um tu conhecido, mesmo que este não tenha nome. Há a recordação do que não foi experimentado, mas isso não diminui a força da experiência em seu espírito.

Vaga Música (2001) nos traz o poema “Canções do mundo acabado”, que mostra a busca pelo objeto perdido e a recordação do que no presente é ausente:

Certamente não há nada
de ti, sobre este horizonte,
desde que ficaste ausente.

Mas é isso que me mata:
Sentir que estás não sei onde,
mas sempre na minha frente.

A imagem do objeto perdido, de alguma forma, se encontra sempre à sua frente, constantemente a acompanha. Ainda no mesmo poema temos:

Penso no que me dizias,
e como falavas, e como te rias...
Tua voz mora no mar.

A mim não fizeste rir
e nunca viste chorar

(Por que o tempo sempre foi
longo pra me esqueceres
e curto pra te amar) (MEIRELES, 2001, p. 346).

O tempo interfere em seu presente mostrando o que no passado foi amado, e que no agora deixa as marcas da ausência.

Em Paul Ricoeur temos a noção de rastro, que seria a reminiscência daquilo que é passado, que já não é presente,

impregnado em nossa alma, e o esquecimento seria o apagamento desse rastro. Ricoeur procura, em seu livro *A memória, a História, o Esquecimento*, relacionar a ciência dos rastros mnésicos, do qual resulta a primeira forma de esquecimento profundo pelo apagamento dos rastros, com a problemática da fenomenologia da representação do passado.

Ricoeur nos diz que a ausência é uma verdadeira máquina de produzir separação e é justamente essa sensação que invade nosso espírito quando lemos os poemas de Cecília Meireles. Ricoeur, a partir do exemplo da impressão do anel marcado na cera, contido nos textos de Aristóteles e Platão, propõe três espécies de rastro; o rastro escrito, o rastro documental e o rastro psíquico que ele prefere chamar de impressão no sentido de afecção.

Os rastros são as formas que a memória permite ser atingida e posteriormente reproduz em nós aquilo que são as marcas do passado. É o reconhecimento das imagens do passado, aquelas que não foram definitivamente apagadas. O rastro mnésico possui uma relação com o enigma da representação do passado ausente. Ricoeur fala que todos os rastros estão no presente e não exprimem ausência e nem anterioridade, justificando que para pensar o rastro é preciso pensá-lo como efeito presente e signo de sua causa ausente. Por isso, no rastro material não há ausência, nele tudo é positivo e presença.

O reconhecimento da imagem no espírito nos remete ao que Santo Agostinho já havia dito sobre o reconhecimento que só é possível a partir do momento que se conhece algo. Ricoeur nos diz:

Uma imagem me acode ao espírito; e digo em meu coração: é ele sim, e ela sim. Reconheço-o, reconheço-a. Esse reconhecimento pode assumir diferentes formas. Ele já se produz no decorrer da percepção: um ser esteve presente uma vez; ausentou-se; voltou. Aparecer, desaparecer, reaparecer. Nesse caso, o reconhecimento ajusta — ajunta — o reaparecer ao

aparecer por meio do desaparecer. [...] De muitos modos, conhecer é reconhecer. O reconhecimento também pode apoiar-se num suporte material, numa apresentação figurada, retrato, foto, pois a representação induz a identificação com a coisa retratada em sua ausência [...] (RICOEUR, p. 437-438).

Ricoeur nos diz também que o reconhecimento é dado na “exata superposição da imagem presente à mente e do rastro psíquico, também chamado de imagem, deixado pela impressão primeira” (RICOEUR, 1994, p. 438). Assim temos a representação de uma coisa passada. Os falsos reconhecimentos são possíveis e é neste sentido que podemos pensar que as lembranças do eu-lírico em Cecília Meireles podem não ser lembranças confiáveis, ressaltando que isto não torna seus poemas menos brilhantes. As alegrias ou tristezas, aliadas à certeza de ter encontrado o objeto perdido passam pela confiança primeira de ter encontrado o mesmo objeto em sua memória. Assim, para Ricoeur o enigma da presença e ausência se resolve na efetividade do ato mnemônico e na certeza que coroa essa efetividade. Se a impressão-afecção permanecer, ela possibilita o reconhecimento. Por isso podemos dizer que Santo Agostinho reconheceu Deus em si mesmo porque já o conhecia, e podemos dizer que o eu-lírico ceciliano reconhece o tu, mesmo que ausente, mesmo que não veja seu rosto e nem saiba seu nome porque de alguma forma já o conhecia. A primeira impressão foi realizada para que o reconhecimento fosse dado posteriormente. Ricoeur ainda afirma que, para Deleuze, o tempo possui um paradoxo profundo enraizado na memória, e o passado é contemporâneo do presente que ele foi:

Se o passado tivesse de esperar para não mais ser, se ele não fosse passado imediatamente e agora, ‘passado em geral’, nunca poderia se tornar o que ele é, nunca seria este passado. [...] o passado nunca se constituiria, se não coexistisse com o presente do qual ele é o passado” (RICOEUR, 2007, p. 442).

Assim, é o reconhecimento que nos autoriza a acreditar em algo que nossa memória nos trouxe, porque de fato em algum momento da vida vemos, ouvimos ou sentimos o ocorrido. A questão que Ricoeur levanta é onde ficam armazenadas essas lembranças e cogita: em um passado? Ele diz que a verdade profunda da *anamnésis* grega consiste em buscar, e nesta busca esperar reencontrar, e reencontrar é reconhecer o que uma vez se aprendeu.

Em *Viagem* (2001), temos um poema que mostra a busca dentro da memória do eu que procura reconhecer em si os traços de si mesmo. Este poema é “Medida da Significação”:

Procurei-me nesta água da minha memória
que povoa todas as distâncias da vida
e, onde, como nos campos, se podia semear, talvez,
tanta imagem capaz de ficar florindo...

Procurei minha forma entre os aspectos das ondas,
para sentir, na noite, o aroma da minha duração.

Compreendo que, da frente aos pés, sou de ausência absoluta:
desapareci como aquele — no entanto, árduo — ritmo
que, sobre fingidos caminhos,
sustentou a minha passagem desejosa

Acabei-me como a luz fugitiva
que queimou sua própria atitude
segundo a tendência do meu pensamento transformar...

Desde agora, saberei que sou sem rastros.
Esta água da minha memória reúne os sulcos feridos:
as sombras efêmeras afogam-se na conjunção das ondas.

E aquilo que restaria eternamente
é tão da cor destas águas,

é tão do tamanho do tempo,
é tão edificado de silêncios
que, refletido aqui,
permanece inefável (MEIRELES, 2001, p. 284).

O eu-lírico segue à procura de si mesmo, procura e não se reconhece dentro de si. Encontra as sombras e os fingidos caminhos, se reconhece sem rastros, sem passado, efêmero como uma essência que se dissipa no ar.

A relação entre o eu e o tu nos poemas de Cecília Meireles

A poética de Cecília Meireles se relaciona com o tempo, mas não se prende a ele, pois transita entre as lembranças e o agora da escrita. Além disso, sua poética não se delimita facilmente por uma corrente literária, percebemos em seus poemas a leveza que os faz se perpetuarem no tempo e ultrapassarem os limites das classificações. O olhar sobre o passado é constante e geralmente é feito de forma fragmentada. Alfredo Bosi diz que:

Em Cecília, o pretérito já recebeu, desde o início, uma aura de distância, como se paisagens e rostos vistos tivessem habitado em um tempo remoto, levado pelo vento dos dias, e só revivessem quando tocados pelo presente da palavra: Eu canto porque o instante existe. Fora do momento do canto e do seu encantamento, a existência do mundo é como que suspensa (BOSI, 2004, p. 15).

Para Bosi, a memória fica à espera da poesia, que se concretiza quando o passado se repropõe no agora da enunciação, se fazendo mediante signos de perda, nostalgia, renúncia e resignação. O estudioso observa que distância e ausência são acentos peculiares à lírica cecilianiana. O tu possui várias faces e é sempre fonte de beleza e encantamento, mesmo se circundado de desassossego. O tu é enigma “porque a sua perenidade na memória corresponde à sua transitoriedade no tempo” (BOSI, 2004, p. 16). No trecho seguinte,

Bosi nos diz que “a memória luta contra a usura do tempo em defesa do ser, a construção da presença é uma alegria difícil porque fundada na dor da ausência” (BOSI, 2004, p. 16). Alguns trechos do poema “Personagem”, do livro *Viagem* (2001) demarcam bem essa nostalgia causada pela distância do tempo e pela ausência do objeto amado:

O lugar da tua presença
é um deserto, entre variedades:
mas nesse deserto é que pensa
o olhar de todas as saudades.

Meus sonhos viajam rumos tristes
e, no seu profundo universo,
tu, sem forma e sem nome, existes,
silencioso, obscuro, disperso.

O objeto amado é algo que se foi, e que no agora da enunciação deixa a saudade, deixa a lembrança e uma certa tristeza por não se fazer presente. Nas três últimas estrofes temos o desfecho provocado por essa ausência:

Que ninguém e nada exista,
de quanto a sombra em mim descansa:
— eu procuro o que não se avista,
Dentre os fantasmas da esperança!

Teu corpo, e teu rosto, e teu nome,
teu coração, tua existência,
tudo — o espaço evita e consome:
e eu só conheço a tua ausência.

Eu só conheço o que não vejo.
E, nesse abismo do meu sonho,
alheia a todo outro desejo,
me decomponho e recomponho [...] (MEIRELES,
2001, p. 305-306).

De acordo com Nelly Novaes Coelho (2001), *Viagem* marca o encontro de Cecília com a sua arte maior. Sua criação poética está voltada para uma indagação existencial que

oscila entre a exaltação da vida e o desalento de seu findar, a descoberta dos seres finitos dentro da efemeridade do tempo, o canto se funde na vida tornando-a mais harmônica. No poema “Noturno”, de *Viagem*, (MEIRELES, 2001, p. 270) encontramos um indício de que há criação de lembranças nos versos “- Coitado de quem está sozinho / e inventa sonhos com que sonhar!” e no final, depois de imaginar e esperar por um tu que não volta, temos os versos “Coitado de quem está sozinho / e assiste o seu próprio sonhar!”. Podemos perceber que o eu-lírico assume uma posição de sonhador, de utópico, de quem constrói imagens para seus sonhos.

Solombra, o último livro da lírica de Cecília Meireles, publicado em 1963, é perpassado por uma poética dissolvida em perdas, ruínas e transitoriedades, figurando a dor que transcende o entendimento racional. A busca pelo tu e os desencontros do próprio eu tornam a poesia de Cecília Meireles uma eterna procura por algo que não é evidente, que não se sabe se será encontrado, mas esta busca é o que torna sua escrita diferenciada. Assim, seus poemas revelam uma experiência que pode ou não ter sido vivida, o olhar sobre o tu pode ser entendido como um olhar que busca algo idealizado, perdido ou imaginado, ou algo experimentado no passado. É um tu que se faz presente mesmo ausente. Nos versos do 3º poema de *Solombra* (2001)

Há mil rostos na terra: e agora não consigo
recordar um sequer. Onde estás? inventei-te?
Só vejo o que não vejo e que não sei se existe

Encontramos vestígios da dúvida de crer ou não em uma memória de um passado que nos parece distante. Prosseguindo no mesmo poema, temos,

Lá, constante presença em memória guardada
percebo a tua essência — e não sei nem teu nome
(MEIRELES, 2001, p. 1264).

Aqui podemos pensar que algo marcou o eu, que houve um registro na memória, pois a essência é percebida, po-

rém a falta de nomeação nos permite um espaço para a dúvida. Uma constante presença sem que haja nomes, uma memória recordada ou a dúvida da criação de uma memória. Em vários poemas encontramos a dúvida sobre o real ou o imaginado, como neste trecho que diz: “Onde estás? / Inventeite?”. A experiência da dor, assim como a suposição do real ou o próprio imaginado aproxima e afasta o ideal e o material, fazendo com que haja uma alternância de sombra e luz em seus poemas. Para Hansen (2007, p. 39),

A experiência nuclear da poesia de Cecília Meireles em *Solombra* é negativa, como experiência da temporalidade. O sujeito da enunciação sofre de tempo e se ordena poeticamente como desapareição ou suspensão obsessiva do tempo nas formas poéticas que o figuram como melancolia de um eu contemplativo, um eu teórico

É como se o passado estivesse em uma dimensão totalmente inalcançável pelo eu, estivesse em um “ontem” distante e ausente, e o presente da enunciação fosse como o tempo da repetição, em que o objeto amado é repetido para que seja aprisionado em algum tempo, mesmo que não se concretize.

Os polos de sua poesia são o eu e o outro, sendo o outro ora tu, ora a natureza, a paisagem e inúmeras faces. O tu é fonte de beleza e, em última instância, é enigma, pois transita no tempo. Segundo Bosi, a construção da presença é uma alegria difícil, porque fundada na dor da ausência. O tu, ao mesmo tempo em que é um símbolo de existência plena e vital, é sujeito à condição efêmera dos mortais. Em *Solombra* a fenomenologia da ausência e a polaridade eu/outro, que são as dimensões mais significativas de sua poesia, serão refinadas ao extremo.

Um poema que se dirige ao tu questionando sobre o passado é encontrado em *Solombra* (2001):

Dizei-me vosso nome! Acendei vossa ausência!
Contai-me o vosso tempo e o coração que tínheis!
De que matéria é feito o passado infrutífero?

Este passado que pode ser feito dos frutos da imaginação é tido como infrutífero, talvez por ser inútil para trazer novamente aquele que está perdido, ou que é desconhecido. Na continuidade do mesmo poema temos os versos:

Minha pena é maior que o silêncio da vida.
Não sei se tudo entendo: e nada mais pergunto.
Assisto — amarga: recordando-me e esquecendo-me.

O sofrimento se faz maior do que o silêncio, o silêncio da vida que não traz respostas, e sim, a vontade de não ser, de não saber, só observar amarga; recordando e esquecendo. O poema é finalizado com os versos

Longe passamos.
Todos sozinhos (MEIRELES, 2001, p. 1279).

A recordação e o esquecimento fazem parte da vivência e errância sobre a terra, a procura por algo ou alguém que não se sabe onde encontrar se torna uma busca vã, pois “Longe passamos. Todos sozinhos”.

Considerações finais

O tempo, na poética de Cecília Meireles, oscila entre o presente e o passado trazendo para o momento atual aquilo que em uma época distante foi importante para o eu-lírico. As imagens do passado voltam no agora da enunciação reafirmando todo contexto e muitas são as marcas do que poderia ter sido, do que poderia ser amado. Os poemas são lugares escondidos em tempos remotos, distantes do real, que levam o leitor para um não saber que consola e preenche. A busca constante pelo tu não é feita sozinha, o leitor acompanha essa procura e se perde junto com o eu que muitas vezes não se encontra e nem encontra seu objeto. Este tu é algo ou

alguém amado, que deixa a ausência como rastro. A memória não abarca de fato episódios ocorridos, mas abarca um mundo fantástico onde o encontro é possível, mesmo que não aconteça efetivamente. A teoria de Santo Agostinho sobre um passado que pode ser revisitado pela alma e re-presentado em um presente é encontrada em alguns poemas, pois aquilo que foi ou poderia ter sido só é possível a partir do momento presente do poema. Em seus poemas, a impressão-afecção permanece, possibilitando o reconhecimento, e na busca pelo tu há o reconhecimento daquilo que foi conhecido e amado.

Referências

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

BOSI, Alfredo. Em torno da poesia de Cecília Meireles. In: GOUVÊA, Leila V. B. (Org.). *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanistas, 2007, p. 13-32.

BOSI, Alfredo. Cecília Meireles. In: *História concisa da Literatura Brasileira*. 42. ed. São Paulo: Pensamento, 2004. p. 460-463.

COELHO, Nelly Novaes. Verbete Cecília Meireles. In: *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras, 2001.

DAMASCENO, Darcy. *O mundo contemplado*. Rio de Janeiro: ORFEU, 1967.

GOUVÊA, Leila V. B. *Pensamento e lirismo puro na poesia de Cecília Meireles*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

HANSEN, João Adolfo. Solombra ou a sombra que cai sobre o eu. In: GOUVÊA, Leila V. B. (Org.). *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanistas, 2007, p. 33-48.

MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa, tomo I*. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1994.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa, tomo II*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1995.

ZAGURY, Eliane. *Cecília Meireles*. Petrópolis: Vozes, 1973. (Coleção Poetas Modernos do Brasil/3).

[Recebido: 8 set. 2015 — Aceito: 16 nov. 2015]